



AÇÃO CLIMÁTICA EM ÂMBITO LOCAL



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

VOLUME 16 / NÚMERO 2

Publicado em agosto de 2011

Programas de Informações Internacionais:

Coordenadora	Dawn L. McCall
Editor executivo	Nicholas Namba
Diretor de Publicações	Michael Jay Friedman

Diretora editorial	Mary T. Chunko
Editora-gerente	Karin Rives
Editor associado	Andrzej Zwanecki
Gerente de Produção	Janine Perry
Designer	Sylvia Scott

Projeto da capa	Diane Woolverton
Editora de fotografia	Ann Jacobs

Revisora do português	Marília Araújo
-----------------------	----------------

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica as revistas eletrônicas *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*
IIP/PUBJ
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Sobre Esta Edição



Corbis Images

Em 2010, a Cidade do México iniciou o maior programa de compartilhamento de bicicletas da América do Norte para reduzir a poluição do ar causada por carros e táxis

Como fenômeno global, a mudança climática é uma questão que normalmente espera-se que seja enfrentada pela comunidade internacional. As comunidades locais, no entanto, assumem cada vez mais a liderança no desenvolvimento de soluções inovadoras e de base para mitigar e combater as causas e os efeitos do aquecimento global. Segundo estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a maioria dos investimentos para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e para a adaptação às mudanças climáticas *tem de* ocorrer em âmbito local. Nos Estados Unidos, governos locais e cidadãos individualmente têm trabalhado para reduzir essas emissões, sem esperar por soluções em âmbito internacional.

Esta edição de *eJournal USA* examina o que significa pensar globalmente as mudanças climáticas — e agir localmente. *Ação Climática em Âmbito Local* mostra como comunidades e grupos sem fins lucrativos em todo o mundo estão dando início a programas de combate às mudanças climáticas e por que a liderança das autoridades locais e o apoio das populações e empresas locais são necessários para que esses programas sejam eficazes. Trecho do livro *Local Action: The New Paradigm in Climate Change Policy [Ação Local: O Novo Paradigma na Política de Mudanças Climáticas]*, de Tommy Linstroth e Ryan Bell, descreve as vantagens que os governos locais têm em relação a esferas mais altas de governo no desenvolvimento, no monitoramento e na adaptação de programas de mudança climática para atender à população.



AP Images

Baoding, na China, está se transformando em um centro de produção de equipamentos de energia renovável

Este volume também mostra como governos locais, empresas e comunidades da América Central, do Sul, Sudeste e Leste Asiático, da África e do Oriente Médio, da Europa e dos Estados Unidos estão firmando parcerias para alavancar seus recursos, multiplicando assim o impacto de seus programas.

O sucesso dos esforços em âmbito local descritos aqui sugerem que os governos locais e suas comunidades estão bem posicionados para alcançar benefícios ambientais tangíveis sem sacrificar o crescimento econômico e o desenvolvimento.

Os editores



Copa de Balonismo de 2006 no Parque Barigui, em Curitiba, no Brasil. Curitiba orgulha-se de ter cerca de 30 parques e áreas arborizadas

AP Images



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / VOLUME 16 / NÚMERO 2

Ação Climática em Âmbito Local

- 4 Estratégia Climática de Seattle se Paga**
JONATHAN HISKES, CORRESPONDENTE DO NOROESTE DO PACÍFICO, REVISTA SUSTAINABLE INDUSTRIES
Políticas climáticas pioneiras exigiram convencer eleitores e recrutar empresas.
- 9 Califórnia: Virando o Jogo com Relação ao Clima**
TERRY TAMMINEN, PRESIDENTE, SEVENTH GENERATION ADVISORS
Legislação estadual de 2006 inspirou outros estados americanos a agir.
- 12 Cisco: Lei da Califórnia sobre Clima é Boa para as Empresas**
LAURA IPSEN, VICE-PRESIDENTE E GERENTE-GERAL, CISCO SYSTEM'S CONNECTED ENERGY
Empresa com sede na Califórnia diz que lei climática do estado, de 2006, gerou empregos no setor de energia limpa.
- 15 Ativismo Climático de Base Explode na Índia**
KARUNA SINGH, DIRETORA DO DIA DA TERRA NA ÍNDIA
Como mobilizar pessoas contra o aquecimento global em uma região onde a maioria luta para sobreviver.
- 20 Cidadãos Locais Devem Juntar-se ao Debate sobre o Clima**
Jovem ativista indiana defende abordagem abrangente para o desenvolvimento.
- 23 Bancando o Vento**
Banco sul-africano investe em fontes renováveis de energia para diminuir pegada de carbono e ser ecologicamente correto.
- 26 Solução Doce Economiza Água**
A Coca-Cola Company estimula a conservação de recursos hídricos na América Central.
- 29 Aldeãos Protegem Florestas e Bacias Hidrográficas**
Projeto-piloto local no Vietnã é ampliado para todo o país.
- 34 Programa de Edifícios Verdes Decola na Cisjordânia**
Onde o abastecimento de energia é limitado, a economia de energia é valorizada.
- 36 Alunos Batalham por Soluções Energéticas Inovadoras**
Competição internacional na Holanda gera ideias para ajudar o meio ambiente e a iniciativa privada.
- 38 Governos Locais Assumem a Liderança sobre o Clima**
TOMMY LINSTROTH, DIRETOR, TRIDENT SUSTAINABLE GROUP; RYAN BELL, GERENTE DE PROJETOS DE SUSTENTABILIDADE, CONDADO DE ALAMEDA, CALIFÓRNIA
Governos locais têm a flexibilidade para planejar e implementar programas climáticos bem-sucedidos.
- 40 Glossário:** Definições dos termos que aparecem em negrito.
- 41 Recursos Adicionais**

Estratégia Climática de Seattle se Paga

Jonathan Hiskes



AP Images

Para enfrentar a ameaça de escassez de água proveniente do aquecimento global, Seattle mudou suas políticas energética e de abastecimento de água

É difícil imaginar escassez de água em Seattle, Washington. Nessa cidade do noroeste dos Estados Unidos famosa por sua garoa, vistas do Puget Sound e de lagos de água doce acenam de quase todos os topos das colinas. Duas serras nevadas, a Olympics e a Cascades, se elevam nos flancos oriental e ocidental da cidade.

No entanto, a ameaça de escassez de água – deflagrada pelo derretimento de geleiras e acelerada pelo aquecimento das temperaturas – inspirou a cidade de 609 mil habitantes a embarcar em um dos planos de proteção do clima mais ambiciosos da nação. A cidade lançou planos para reduzir o desperdício de energia ao isolar termicamente e adaptar edifícios, reduzir a circulação de veículos ao construir novas redes de trânsito e se posicionar como um berço de inovação e de empregos de energia limpa.

Os resultados têm sido nítidos há vários anos: em 2008 — quatro anos antes do prazo limite — Seattle cumpriu a meta do Protocolo de Kyoto de reduzir suas **emissões de gases de efeito estufa** para 7% abaixo dos níveis de 1990 estabelecidos para

os Estados Unidos. Sua liderança inspirou mais de outras mil cidades grandes e pequenas a concordar com a mesma meta.

O ex-prefeito Greg Nickels, que dirigiu a cidade de 2002 até 2009, disse que tudo começou com alertas terríveis sobre abastecimento de água.

“Quando me tornei prefeito, a questão do clima não estava em minha lista de coisas a fazer”, declarou. “Tapei alguns buracos e tive de lidar com as consequências do 11/9 — tentando fazer com que as pessoas voltassem a trabalhar.” Fiz algumas suposições: um, que as mudanças climáticas eram uma coisa que estava distante no futuro e que aconteceria antes em outros lugares. E, dois, que o governo federal estava tratando disso. Eu estava errado.”

PREFEITO MOSTRA O CAMINHO

A urgência da ameaça os atingiu, dizem moradores da cidade, durante uma reunião da equipe sênior em janeiro de 2005. O diretor dos serviços públicos da cidade disse a Nickels que o derretimento das geleiras poderia criar



AP Images

Como prefeito, Greg Nickels foi fundamental para conceber uma estratégia climática para Seattle e atingir outras cidades americanas em meados dos anos 2000

escassez de água muito antes do que a população esperava. E como a maior parte da energia elétrica da cidade vem de barragens hidrelétricas a escassez de água também poderia criar uma crise energética.

Ao mesmo tempo, 141 países estavam para ratificar o tratado de Kyoto sobre o clima sem a participação dos Estados Unidos. Nickels disse a seus auxiliares que Seattle tinha de seguir adiante mesmo que o governo federal não estivesse pronto.

“Abaixou a mão, olhou em volta da mesa e disse: ‘Não estamos pensando suficientemente grande’”, lembra Mike Mann, ex-diretor do Escritório de Sustentabilidade e Meio Ambiente da cidade. Quando o prefeito mencionou a assinatura do tratado de Kyoto, disse Mann, “os membros da equipe ficaram de boca aberta ao perceberem que ele estava falando sério”.

Nickels lançou o Acordo entre Prefeitos dos EUA para a Proteção do Clima para levar outros prefeitos a se comprometer com as metas de **emissões de gases de efeito estufa**. Nesse mesmo ano, viajou a Montreal para acompanhar as conversações das Nações Unidas sobre clima e disseminar a mensagem de que muitos líderes locais dos EUA estavam preparados para agir com relação às mudanças climáticas.

De volta a casa, teve de convencer os habitantes de Seattle de que era hora de medidas ousadas. A maior parte da eletricidade de Seattle vem de barragens hidrelétricas, que têm **pegada de carbono** — estimativa de quanto dióxido de carbono é produzido por uma entidade como uma empresa — muito menor que as usinas elétricas movidas a carvão ou gás. Isso significa que o grosso das **emissões de gases de efeito estufa** da cidade vem do transporte e que substituir viagens de carro no trânsito é fundamental para reduzir a **pegada de carbono** da cidade.

O diretor dos serviços públicos da cidade disse a Nickels que o derretimento das geleiras poderia criar escassez de água muito antes do que a população esperava.

DENSIDADE: UM NOVO CONCEITO PARA SEATTLE

Nickels compreendeu que para dar apoio a bairros compactos e transitáveis eram necessárias redes de ônibus e de veículos leves sobre trilhos. Porém, enquanto a cidade está cheia de amantes da natureza atraídos pelas montanhas e vias fluviais próximas, muitos deles não veem a ligação entre proteger o meio ambiente e maiores **densidades de ocupação** em seus bairros urbanos. Seattle é uma das maiores cidades americanas com mais residências para uma única família do que moradias de múltiplas famílias de alta densidade.

“Acredito que os cidadãos não tenham compreendido totalmente a importância de bairros densos e compactos”, disse Mann, que trabalha agora como consultor de **sustentabilidade ambiental** para a cidade.

Por exemplo, um plano que permitia edifícios mais altos junto a uma nova estação de veículo leve sobre trilhos no bairro Mount Baker enfrentou a oposição de moradores locais, por acharem que uma densidade

maior traria congestionamento de trânsito e criminalidade. “As pessoas precisam de pátios e espaços abertos para ter saúde mental”, disse ao *Seattle Times* Pat Murakami, morador do bairro. “Então esperam que a gente viva como sardinhas espremidas em uma lata?”

Para argumentar a favor de maior **densidade urbana**, a cidade recebeu ajuda de um grupo

atuante de defensores da sustentabilidade. Alex Steffen, escritor sediado em Seattle, promove o “urbanismo verde luminoso”, a ideia de que o casamento de valores ambientais com tecnologia e **uso inteligente do solo** permite aos bairros da cidade ser mais sociais, saudáveis e prósperos do que os bairros residenciais autodependentes. As entidades locais sem fins lucrativos Climate Solutions e Great City e o Instituto Sightline trabalham para vincular as tendências ambientais dos habitantes de Seattle a planos públicos de grande envergadura.

“Quero participar de uma revolução real, não apenas fazer gestos inúteis”, disse KC Golden, diretor de Políticas Públicas da Climate Solutions. “É por isso que retroceder somente para ações privadas e locais não funcionará.”

A peça central da visão verde urbana de Seattle foi refazer o bairro South Lake Union próximo do centro da cidade. Há uma década, o local era área de estacionamento de carros e de armazéns subutilizados. Por meio de parcerias entre a cidade e investidores privados, tornou-se um agitado corredor de alta tecnologia ancorado em nove edifícios que abrigam a sede da loja varejista on-line Amazon.com. A transformação funcionou, afirma Mann, porque incluiu coisas que têm apelo para os moradores e o pessoal de escritório: uma linha de



AP Images

A cidade investiu em transporte público, incluindo veículos leves sobre trilhos, para reduzir a fonte da maioria de suas emissões de gases de efeito estufa – os carros

bondes, lojas e restaurantes e um parque na zona portuária onde outrora havia um estaleiro da Marinha.

“Quando se aumenta a **densidade [urbana]**, isso tem de funcionar para as pessoas”, declarou Mann. “Tem de ter facilidades, conveniências e espaços públicos, não apenas grandes prédios de habitações, no estilo soviético, que as pessoas não querem.”

CARROS VERSUS TRENS

Em outros lugares, reduzir as emissões do transporte tem sido mais difícil. A cidade e o estado estão prontos para começar a construção de um túnel viário de vários bilhões de dólares embaixo da zona portuária do centro da cidade. O plano não inclui espaço para linhas férreas, e os defensores da sustentabilidade alegam que investir tão pesado em um projeto apenas para carros é falta de visão.

Após negociações para ajustar o tamanho do túnel, Nickels concordou em apoiá-lo. Muitas pessoas acreditam que a decisão lhe custou o voto ambiental na eleição de 2009, levando a uma vitória inesperada do organizador

“Acredito que os cidadãos não tenham compreendido totalmente a importância de bairros densos e compactos.”

ambiental Mike McGinn.

Mas a campanha iniciada por Nickels continuou a avançar durante o mandato do novo prefeito. A cidade está elaborando um plano de veículo leve sobre trilhos para os próximos 15 anos, promovido por Nickels e aprovado pelos eleitores. Os índices de reciclagem e compostagem

estão entre os maiores da nação. Agora, navios de cruzeiro que se dirigem para o Alasca se conectam à rede elétrica quando estão no porto, em vez de operar seus motores sem carga junto à zona portuária.

EDIFÍCIOS COM FUGA DE ELETRICIDADE SÃO RENOVADOS

Talvez o fato mais promissor é a cidade ter lançado um programa inovador para reduzir o desperdício de energia de edifícios com fuga de eletricidade. Nos Estados Unidos, os edifícios respondem por quase 40% das **emissões de gases de efeito estufa** em âmbito nacional. O programa de Obras de Energia Elétrica para a Comunidade, de Seattle, amparado em US\$ 20 milhões de incentivo econômico federal

(Lei Americana de Recuperação e Reinvestimento), destina-se a corrigir várias das barreiras que impedem os proprietários de adaptar seus edifícios.

Em primeiro lugar, o programa oferece avaliações energéticas de baixo custo (US\$ 95) para ajudar os proprietários residenciais e comerciais a entender onde suas edificações estão desperdiçando calor e eletricidade. Em segundo lugar, faz parceria com a instituição de investimentos comunitários Enterprise Cascadia para oferecer empréstimos a investimentos em eficiência energética, com amortização em 20 anos. Isso resolve o dilema financeiro de muitos proprietários de residências — investimentos como bom isolamento e vedação de dutos se pagam com o tempo mas acarretam custos iniciais muito altos.

Por último, o programa de Obras de Energia Elétrica para a Comunidade está dirigindo um “fundo de incentivo para redução de carbono”, essencialmente um mercado de carbono baseado em recompensas que oferece aos proprietários de edificações subsídios com base na quantidade de economia de emissão de dióxido de carbono que obtiverem. O programa de Obras de Energia Elétrica para

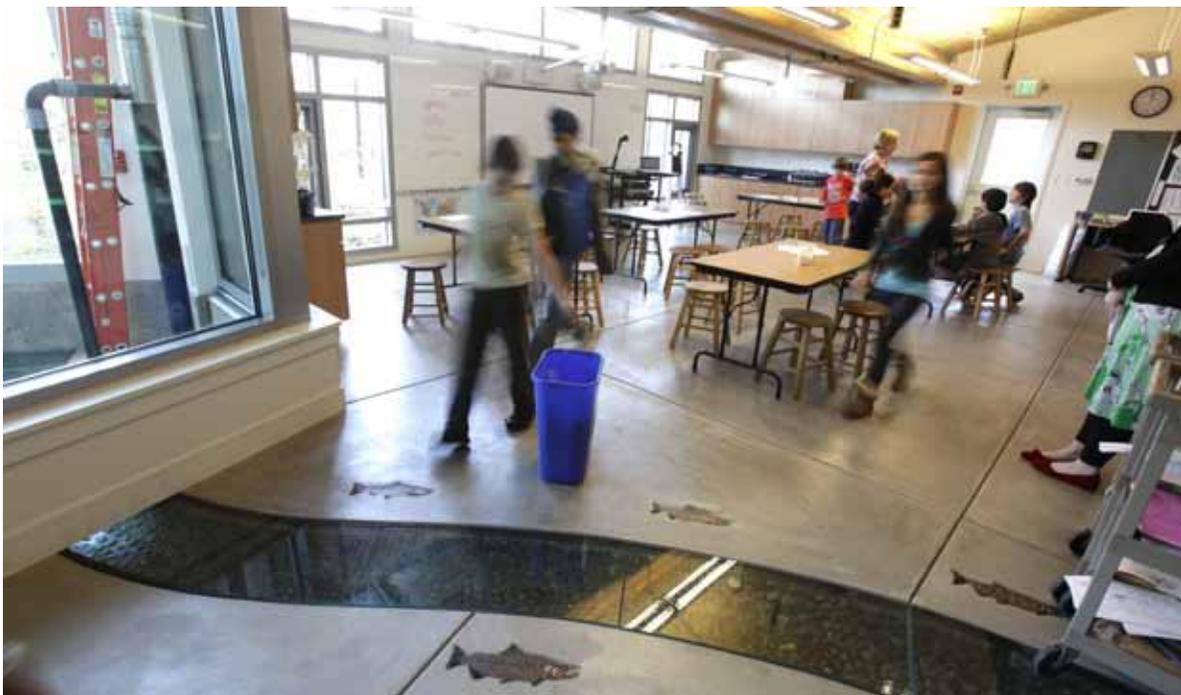
Agora, navios de cruzeiro que se dirigem para o Alasca se conectam à rede elétrica quando estão no porto, em vez de operar seus motores sem carga junto à zona portuária.

a Comunidade tem escopo modesto; sua meta é adaptar 2 mil residências, além de empresas e hospitais. Porém, ao testar novas ideias, sua influência total poderá ser muito maior.

“As cidades são um lugar de muitas emissões por serem centros industriais e populacionais”, disse Mann. “Mas são também laboratórios de soluções. Elas gerarão ideias que o governo federal irá apoiar, em algum momento, por necessidade.” ■

O jornalista Jonathan Hiskes, de Seattle, escreve sobre tecnologia limpa, inovação ambiental e o ambiente urbano. É o correspondente do noroeste do Pacífico da revista Sustainable Industries.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



A escola de ensino fundamental Bertschi de Seattle está entre várias dezenas de escolas em âmbito nacional que reciclam águas pluviais e águas residuais

AP Images



Califórnia: Virando o Jogo com Relação ao Clima

Terry Tamminen



A Lei de Soluções para o Aquecimento Global da Califórnia, de 2006, estabeleceu um programa amplo para redução das **emissões de gases** de efeito estufa de todas as fontes em todo o estado. A lei, conhecida como AB32, exige redução nas emissões da Califórnia aos níveis de 1990 até 2020, com limites obrigatórios a partir de 2012.

Getty Images



AP Images

Um dos quase 200 postos de combustível em São Francisco, na Califórnia, que oferece gás natural comprimido para veículos

A Lei de Soluções para o Aquecimento Global de 2006 foi aprovada para fazer a diferença na Califórnia e no mundo. Como líder da oitava maior economia mundial, o então governador Arnold Schwarzenegger sabia que a política da Califórnia com relação ao aquecimento global poderia ter impacto nos Estados Unidos e no mundo.

Quando inicialmente propusemos a legislação para legisladores da Califórnia, encontramos a oposição típica de grupos industriais que temiam que novas determinações resultassem em custos mais altos para as empresas. Contudo, no final provamos que medidas para solucionar a mudança climática — inclusive eficiência energética, o desenvolvimento de energia renovável e de combustíveis de transporte alternativos e o **comércio de carbono** — incentivariam a economia e criariam milhares de novos empregos. (Veja “Cisco: Lei da Califórnia sobre Clima é Boa para as Empresas, página 12, para obter mais detalhes sobre a legislação climática e a criação de empregos da Califórnia.”)

“Estou mais confiante do que nunca que ações tomadas nos âmbitos estadual e local terão impacto significativo na redução das emissões.”

CALIFÓRNIA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO

Desde que a AB32 foi promulgada há cinco anos, outros estados nos Estados Unidos seguiram a orientação da Califórnia. As políticas climáticas de nosso estado

inspiraram grande parte dos estados americanos a avançar com uma série de ações de mitigação das mudanças climáticas. Muitos estados desenvolveram planos de ação climática que incluem metas específicas de redução dos gases de efeito estufa. Também estabeleceram **padrões para o portfólio de energias renováveis**, que exigem que o setor energético gere uma certa quantidade de energia de fontes limpas, e aprovaram legislação que aborda o setor de transportes, eficiência energética e outras necessidades relacionadas ao clima.

Juntos, esses esforços estão tendo um impacto significativo nas **emissões de gases de efeito estufa** dos Estados Unidos e estão ajudando o país a atingir as metas de emissões não vinculantes anunciadas pelo presidente Obama na cúpula do clima de 2010 em Copenhague: uma redução de 17% abaixo dos níveis de 2005 até 2020. Na verdade, as emissões americanas vêm diminuindo desde 2007, principalmente por

causa da recessão econômica. Mas, no futuro, essas emissões devem aumentar muito mais lentamente do que nas últimas décadas, graças aos atuais investimentos em tecnologias renováveis e limpas e em combustíveis alternativos, segundo informou o Departamento de Energia dos EUA.

CALIFÓRNIA COMO PROTAGONISTA INTERNACIONAL

As ações da Califórnia também tiveram impacto nas políticas de outros países. Em setembro de 2009, a Califórnia e mais 30 outros estados americanos realizaram a Cúpula dos Governadores sobre o Clima Global em Los Angeles, atraindo mais de 1.200 participantes de todo o mundo. A cúpula focou em ações realizadas nos âmbitos estadual e local e em como essas ações estão desenvolvendo economias

ambientalmente sustentáveis e, ao mesmo tempo, reduzindo as **emissões de gases de efeito estufa**.

Em novo encontro no ano seguinte, o governador Schwarzenegger reuniu outros líderes importantes na cúpula para anunciar uma nova organização global, a R20-Regiões de Ação Climática (R20). O objetivo da R20 é desenvolver e implementar projetos de resistência às alterações climáticas e de baixo teor de carbono por meio de cooperação entre governos locais no mundo todo. O grupo diz que o desenvolvimento de uma nova economia verde pode reduzir as emissões globais de dióxido de carbono em 75% até 2020 e os aumentos nas temperaturas da Terra podem ser limitados em 2 graus Celsius — meta que ajudará a evitar mudanças climáticas catastróficas, segundo os cientistas.

ÂNIMO EM SUSPENSÃO

Como esperado, tem havido tentativas para conter o ânimo deflagrado pela histórica lei climática da Califórnia. Uma proposta apoiada por empresas



AP Images

Como governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger promoveu a energia renovável por meio de legislação, poderes executivos e seu apoio pessoal

petrolíferas foi colocada em votação em novembro de 2010. A Proposta 23 tentou congelar a AB32 até que a taxa de desemprego da Califórnia diminuísse abaixo de um determinado índice. Os eleitores da Califórnia mostraram sua opinião na votação, derrotando a Proposta 23 por uma margem de 24%, o que também diz muito sobre o que é importante para os eleitores: economia verde, empregos e meio ambiente saudável.

A AB32 foi uma peça legislativa que mudou o jogo porque transformou em lei um plano de ação abrangente sobre a mudança climática. Tendo participado da elaboração dessa lei e agora testemunhando o impacto tangível que ela teve para inspirar ações em todo o país

e no mundo, estou mais confiante do que nunca que ações tomadas nos âmbitos estadual e local terão impacto significativo na redução das emissões.

A Califórnia está fazendo sua parte para tentar conter a mudança climática, problema verdadeiramente global. ■

Terry Tamminen é presidente da Seventh Generation Advisors (SGA), empresa de consultoria que ajuda governos em todo o mundo a implementar políticas de energia limpa e mudanças climáticas. Anteriormente, atuou como secretário da Agência de Proteção Ambiental da Califórnia no governo de Arnold Schwarzenegger e foi o principal arquiteto da Lei de Soluções para o Aquecimento Global de 2006.

Kristina Haddad e Sasha Abelson, da SGA, contribuíram para este artigo.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Cisco: Lei da Califórnia sobre Clima é Boa para as Empresas

Laura Ipsen



Getty Images

Este ônibus híbrido quase sem emissão de poluentes foi apresentado pela Agência Municipal de Transporte de São Francisco em 2008 como parte de um programa-piloto em parceria com a Cisco

Em novembro de 2010, os eleitores da Califórnia – maior estado dos Estados Unidos, com 37 milhões de habitantes – rejeitaram a Proposta 23, plebiscito para adiar a histórica Lei de Soluções para o Aquecimento Global de 2006. A lei da Califórnia, que entrou em vigor em janeiro de 2011, é a primeira iniciativa de legislação abrangente para reduzir as **emissões de gases de efeito estufa** nos Estados Unidos.

A lei climática da Califórnia foi apoiada por todos os setores da sociedade, entre eles, algumas das maiores empresas americanas com sede na Califórnia.

Em outubro de 2010, apenas algumas semanas antes do referendo que determinaria o futuro da Lei de Soluções para o Aquecimento Global de 2006, expus em um blog os motivos para a nossa empresa apoiar a lei e conclamar publicamente os californianos a fazer o mesmo. A Proposta 23 teria impedido o estabelecimento do padrão de baixo carbono da Califórnia, a implementação



Cortesia: Cisco

O controlador de Energia Doméstica da Cisco ajuda consumidores de serviços públicos a monitorar e controlar seu uso de energia

do segundo maior **mercado de cap-and-trade (teto-e-negociação)** do mundo e as regras determinando que as empresas de serviços públicos obtenham 33% de sua eletricidade de fontes renováveis até 2020. Os que apoiaram a proposta alegaram que a lei climática do estado custaria empregos e aprofundaria a recessão econômica. Argumentamos que a lei faria justamente o contrário.

INVESTINDO NO FUTURO

Nosso estado é conhecido pela inovação e por tomar decisões às vezes difíceis, mas que trazem retorno no decorrer do tempo. A Califórnia sabe como investir no futuro, e na Cisco sabemos que devemos fazer o mesmo.

Desde a aprovação da lei pelo legislativo do estado, a Califórnia tornou-se um imã para investimentos em empregos nos setores de energia renovável e energia limpa. Já em 2007, esses setores eram responsáveis por 125 mil empregos no nosso estado e esse número passou para 500 mil três anos depois, segundo o Departamento de Desenvolvimento de Empregos da Califórnia.

Entre 2005 e 2010, o estado atraiu mais de US\$ 9 bilhões em capital de risco aplicado em energia limpa, quase dois terços desse tipo de capital investido em todo o país. Não é coincidência que, desde 2010, nosso estado possui cinco das dez cidades que mais atraem empresas iniciantes de tecnologia limpa, segundo relatório do SustainLane Government, banco de dados de políticas **ambientalmente sustentáveis**.

Tais investimentos seriam ameaçados se a Proposta 23 tivesse sido aprovada e a lei climática ficaria estagnada. Isso teria prejudicado a liderança da Califórnia em inovação e criado incertezas entre as empresas sobre o compromisso do estado de construir uma economia de energia verde. Teria também ameaçado os investimentos de capital e colocado em risco milhares de empregos no setor de tecnologia limpa.

BOM PARA O MEIO AMBIENTE BOM PARA OS NEGÓCIOS

Na Cisco, constatamos em primeira mão por que as políticas climáticas podem ser boas para as empresas. Nossa tecnologia Connected Grid, por exemplo, ajuda

as empresas de energia a fornecer eletricidade de maneira mais eficiente, e os consumidores e as empresas a controlar melhor seu consumo de energia. Nossos produtos e serviços estão em alta porque é do interesse das empresas de serviços públicos cortar despesas — mas também porque algumas delas agora têm de mudar a forma de operar segundo a Lei de Soluções para o Aquecimento Global, da Califórnia, e de acordo com os **padrões de combustível de carbono** promulgados por outros estados. Estamos também entrando no mercado de energia renovável em rápido crescimento, mais recentemente destinando uma rede unificada da Cisco para uma fazenda eólica da First Wind, em escala utilizada para serviços públicos em Utah

Quando a maioria de 62% dos eleitores da Califórnia recusou a Proposta 23 em 2010, estava investindo no futuro do nosso estado e da nossa nação. Na Cisco, temos orgulho de fazer parte desse esforço. ■

Laura Ipsen é vice-presidente sênior e gerente-geral da Cisco Systems, Inc., empresa de tecnologia de rede com sede em San José, com mais de 72 mil funcionários no mundo todo e faturamento de US\$ 40 bilhões em 2010.

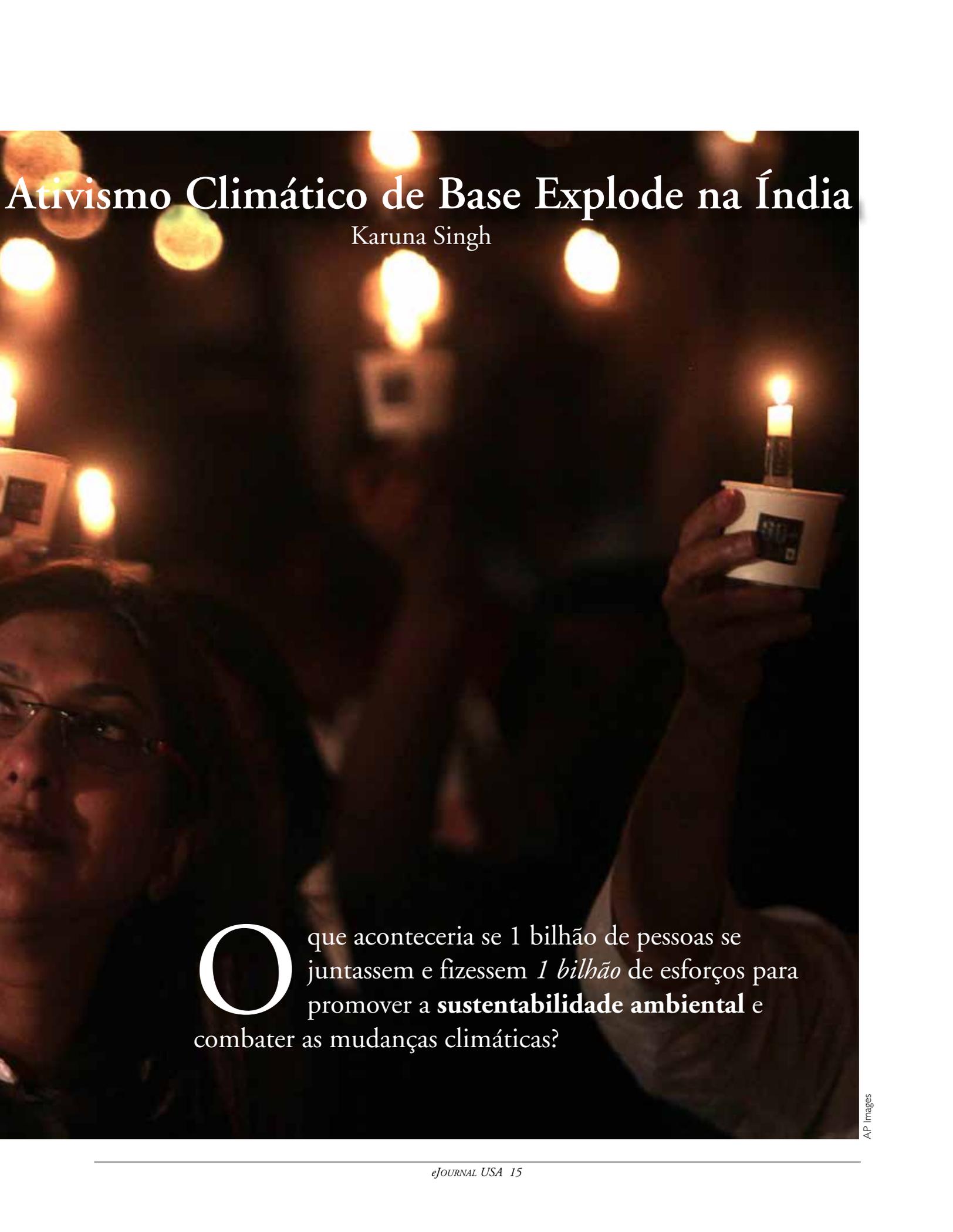
As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



O ator David Arquette apareceu em vídeos on-line conclamando os eleitores a rejeitar a Proposta 23

AP Images





Ativismo Climático de Base Explode na Índia

Karuna Singh

O que aconteceria se 1 bilhão de pessoas se juntassem e fizessem *1 bilhão* de esforços para promover a **sustentabilidade ambiental** e combater as mudanças climáticas?



Cortesia: Rede do Dia da Terra – Índia

Pessoas em Calcutá marcaram o Dia da Terra 2011 com promessas para agir e ajudar o meio ambiente

Essa foi a pergunta central que orientou o grupo ambientalista global Rede do Dia da Terra em agosto de 2010 ao abrir seu primeiro escritório na Índia, país onde o rápido crescimento econômico está tirando milhões de pessoas da pobreza e proporcionando àqueles que já estão na classe média mais poder de compra – tudo isso a um custo ambiental.

A missão do escritório da Rede do Dia da Terra em Calcutá é ajudar os indianos a reconhecer a ameaça e os desafios impostos pela mudança climática e incentivar as pessoas a agir para evitar uma crise ambiental gigantesca. Por meio da campanha *Um Bilhão de Atos Verdes*, a Rede do Dia da Terra procura orientar a discussão pública sobre as mudanças climáticas na Índia.

○ DESAFIO – E A FORÇA – DE UM BILHÃO DE ESFORÇOS

Satisfazer às necessidades e às aspirações da população cada vez mais afluyente da Índia requer um equilíbrio delicado entre atender às necessidades materiais e manter a frágil ecologia do país.

Com 1,2 bilhão de pessoas e um terço da população pobre do mundo, a Índia continua altamente dependente da agricultura. A economia rural, junto com um litoral de 7.500 quilômetros de extensão, torna a Índia extremamente vulnerável às mudanças climáticas. Inundações, secas, ondas de calor, ciclones, ondas de tempestades, deslocamentos, doenças e pestes não são mais previsões de um futuro distante, estão ocorrendo hoje. Esses desafios podem representar um sério teste aos sistemas de governança da Índia e à sua resiliência institucional e social.

Assim, como os indianos podem ser mobilizados para lidar com a mudança do clima?

Para descobrir isso, a equipe indiana da Rede do Dia da Terra consultou líderes ambientais indianos para assessorá-la na elaboração de mensagens e estratégias apropriadas do ponto de vista cultural para o Dia da Terra 2011.

Chaitanya Kumar, coordenador nacional da Rede da Juventude Indiana sobre Clima (IYCN), disse que o ativismo relacionado com as mudanças climáticas na Índia precisa se concentrar menos no consumo e mais na



Cortesia: Rede do Dia da Terra – Índia

Estudantes em Nova Délhi participam da campanha de 2011 da Rede do Dia da Terra, *Um Bilhão de Atos Verdes*

proteção e no aumento dos recursos naturais.

“Há dois grupos básicos de pessoas na Índia”, explicou Kumar. “Os mais pobres entre os pobres, que são os mais afetados pelas mudanças climáticas, formam o grupo majoritário.

Sua real preocupação, acima de qualquer coisa, é com a subsistência. O grupo menor de indianos afluentes não é afetado de imediato pelas mudanças climáticas.”

Comentando que 800 milhões de indianos ganham menos do que US\$ 2 por dia, Nazeeb Arif, executivo sênior da ITC Limited, empresa que reduziu sua **pegada de carbono** a zero, observou que “esses 800 milhões já estão [lutando para sobreviver], portanto, não se pode pedir que consumam menos”. Arivudai Nambi, diretor do Programa de Mudanças Climáticas da Fundação M.S. Swaminath, tem a mesma opinião. “Há uma diferença entre emissões para a sobrevivência e emissões para o luxo”, disse.

O consenso dos especialistas foi de que há uma necessidade imediata de construção de capital natural, em particular por meio da expansão do espaço verde da Índia, e de conservação e proteção dos recursos hídricos.

O ativismo relacionado com as mudanças climáticas na Índia precisa se concentrar menos no consumo e mais na proteção e no aumento dos recursos naturais.

ATIVISMO DE BASE GANHA CORPO

Para aumentar a consciência ambiental e estimular o crescimento econômico sustentável, a Rede do Dia da Terra fez parceria com várias organizações não

governamentais para atingir os cidadãos na base. A meta era ajudar as pessoas a entender o conflito entre suficiência material e impactos ambientais do crescimento e assim ajudá-las a descobrir maneiras de eliminar essa lacuna.

No último ano, a Rede do Dia da Terra patrocinou vários programas que culminaram no Dia da Terra 2011 em cerca de 200 cidades e distritos da Índia. A Rede do Dia da Terra colaborou com organizações locais para realizar eventos em centros urbanos bem como em cidades com mais de 300 mil habitantes e todos os povoados das principais regiões do país.

Centenas de pessoas participaram, atraídas pela variedade e criatividade dos programas. Como observou Maneesha Sharma, diretora de uma organização que trabalha em áreas tribais, a comunidade é o principal agente “das mudanças transformacionais – para mudar



Cortesia: Rede do Dia da Terra – Índia

Manifestação de 2011 organizada por grupos não governamentais em apoio às lanternas solares em Sunderbans, região em Bengala Ocidental

o modo como as pessoas vivem, trabalham e fazem negócios”. Para o Dia da Terra, sua organização criou canteiros verdes para hortas domésticas, usando escoamento de bombas de água públicas.

Em Leh, região montanhosa repleta de mosteiros budistas que teve vários pontos de destruição com as cheias repentinas em 2010, líderes comunitários participaram de um *padayatra*, passeio a pé pelos povoados para explicar o aquecimento global. Voluntários de Pallishree passaram uma semana com comunidades de pescadores perto de Chilka, a maior lagoa de água salobra da Ásia, sensibilizando-os para a necessidade de proteger a fauna e a flora da lagoa. “Isso vai beneficiá-lo” era a principal mensagem.

Em Almora, área que enfrentou desmatamento desenfreado no passado, as mulheres adotaram árvores; e em Kerala agricultores aprenderam sobre agricultura orgânica. Enquanto isso, no nordeste da Índia, área rica em **biodiversidade**, os voluntários andaram por quilômetros até pequenas vilas para explicar por que hortaliças são preciosas e devem ser salvas.

MOBILIZANDO UM PAÍS JOVEM

A Índia tem uma grande população de jovens: 72% de seus habitantes têm menos de 40 anos. Portanto, faz

Para o Dia da Terra, a Rede do Dia da Terra criou canteiros verdes para hortas domésticas, usando escoamento de bombas de água públicas.

sentido que a Rede do Dia da Terra tenha como alvo esse grupo significativo.

Programas inovadores em centenas de escolas e faculdades inspiraram os jovens a ser *paryavaran mitras*, amigos do meio ambiente. A participação, que é constante, tem sido impressionante:

- 40 mil alunos urbanos estão descobrindo a natureza passando algum tempo em reservas florestais.
- 10 mil crianças de tribos aprenderam sobre a utilidade das árvores e participaram de projetos de plantio de árvores.
- Centenas descobriram o prazer de jogos organizados de bicicleta.

Juntas, essas crianças formam uma forte comunidade de embaixadores da Terra.

De fato, o ativismo jovem em torno de questões ambientais está crescendo na Índia.

Grupos como a IYCN possuem membros comprometidos, corajosos, informados e especializados em marketing social.

O novo projeto Viagens para Soluções Climáticas da IYCN enviou voluntários que viajaram milhares de quilômetros em carros elétricos movidos a energia solar, em vans abastecidas com óleo vegetal reciclado e em caminhões

a **biodiesel**, parando no caminho para falar sobre energia renovável e energia limpa. Junto com eles estava o “Solar Punch”, grupo de jovens músicos dos Estados Unidos que usam a energia solar para amplificar o som de seus instrumentos. Nacionalidades à parte, esses jovens são em primeiro lugar cidadãos da Terra ao trabalharem juntos para salvar sua herança comum.

A Rede do Dia da Terra também apoiou a Associação de Mulheres Autônomas (Sewa), o maior sindicato de mulheres, na realização de eventos em vários distritos para promover meios de vida verdes para as mulheres. Os voluntários da Sewa discutiram métodos mais verdes de agricultura com mulheres em partes rurais da Índia. Também ofereceram empréstimos com juros baixos para permitir que as mulheres adotem fogões limpos, lanternas solares e outras tecnologias limpas.

Várias grandes empresas de software e consultorias estimularam seus funcionários a se voluntariar para compartilhar seu conhecimento no desenvolvimento de



Cortesia: Rede do Dia da Terra – Índia

Na Associação de Indústrias Domésticas de Bengala até bonecos defendem a natureza e a Mãe Terra

tecnologias verdes. “Normalmente, indústrias grandes e bem estabelecidas acreditam no planejamento de longo prazo”, disse Surojit Bose, diretor associado de Sustentabilidade e Mudança do Clima da consultoria PricewaterhouseCoopers. “Elas estão, portanto, bem posicionadas para entender esses riscos (das mudanças climáticas) e elaborar (...) estratégias comerciais e formar modelos de parceria.”

Órgãos governamentais e membros do setor privado e da mídia apoiaram esses esforços. O Conselho Nacional de Museus de Ciência, da Índia, comemorou o Dia da Terra em todos os seus 24 museus, alcançando milhares de pessoas.

A animação das atividades em torno do Dia da Terra na Índia mostrou aos organizadores como a campanha *Um Bilhão de Atos Verdes* foi ampla e profunda. A Rede do

Dia da Terra dará continuidade a esse ímpeto para garantir que todos os dias acabem sendo Dia da Terra na Índia. ■

Karuna A. Singh é diretora do Dia da Terra na Índia. Ela entrou para a Rede do Dia da Terra em 2010. Antes, trabalhou 24 anos no Consulado dos EUA em Calcutá, mais recentemente como executiva sênior voltada para questões ambientais

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Cidadãos Locais Devem Juntar-se ao Debate sobre o Clima



AP Images

Crianças em idade escolar participam de campanha para limpar o Rio Yamuna em Nova Délhi

No Dia Mundial do Meio Ambiente em 5 de junho de 2011, Latika Nayar e sua família amontoaram-se em um cômodo da sua confortável casa em Nova Délhi. Uma lâmpada e um ventilador eram os únicos eletrodomésticos que podiam funcionar naquele fim de semana. Essa seria a forma de reduzirem sua **pegada de carbono**, embora por apenas dois dias, Nayar explicou a seus pais, avós e à irmã mais jovem.

Ninguém podia enviar e-mail, assistir televisão, falar ao telefone ou ligar o ar-condicionado naquele final de semana com temperaturas que chegavam a 41 graus. “Minha mãe ficou um pouco irritada – todos eles acham que sou um tanto rebelde – portanto fiz um longo discurso para eles sobre como todos nós estragamos o meio ambiente”, disse a assistente social de 22 anos.

Nayar falou com certa autoridade, tendo conquistado o prestigioso prêmio Green Globe na categoria juventude alguns meses antes. A indústria cinematográfica da Índia criou os prêmios com o intuito de chamar a atenção para a crise climática. Participante do encontro de 2011

da União da Juventude pela Ação Voluntária (Yuva) na Índia, evento organizado pelo Instituto de Energia e Recursos (Teri) sediado em Nova Délhi, ela faz parte de um crescente movimento de jovens ambientalistas que começam a se fazer ouvir em toda a Índia.

CHAMADA À AÇÃO DA JUVENTUDE

O Teri quer envolver jovens de diferentes países nas discussões sobre mudanças climáticas e outros desafios ambientais, além de estimulá-los a promover ações que façam diferença em suas comunidades, explicou Aditi Pathak, pesquisadora associada do Teri. “Será a juventude de hoje que suportará o impacto direto da degradação ambiental e do consumo excessivo dos recursos”, enfatizou ela. “Portanto, esses jovens precisam estar ativamente engajados nos diálogos, nas discussões e nas deliberações sobre mudança do clima e sustentabilidade em âmbito local e nacional.”

A conferência da Yuva passou de 148 participantes, quando foi realizada pela primeira vez em 2009, para 190 em



Estudantes no encontro da Yuva 2011 em Nova Délhi trabalham em estudos de caso ambientais

Cortesia: Yuva

água e peixe. Isso deu a Nayar a oportunidade de defender aquilo em que acredita com paixão: os problemas ambientais não podem ser tratados separadamente; eles devem ser vistos de forma holística.

JUNTANDO TUDO

Nayar está convencida de que os ambientalistas que concentram sua atenção somente nas árvores ou os economistas que pensam só no desenvolvimento não conseguem enxergar o quadro geral. Segundo ela, para construir um futuro sustentável para as pessoas na Terra, precisamos primeiro entender como clima, saúde, economia e estruturas sociais se interligam como um todo.

“Você não pode expulsar as pessoas da floresta porque quer proteger as árvores”, afirmou Nayar, “e não pode esperar que um povo tribal torne-se vegetariano – peixe é o seu alimento básico”. Países como a Índia, que vivenciam atualmente a inclusão de milhões de pessoas na classe média, precisam encontrar uma forma de expandir suas economias de maneira **ambientalmente sustentável** sem desestruturar a vida das populações marginalizadas, argumentou.

A equipe de Nayar apresentou um plano no qual, em seu estudo de caso, os aldeãos levavam as autoridades do vilarejo a pressionar o governo central e conseguiam ajuda das organizações não governamentais. Também trabalhavam para uma fábrica poluidora porque ela trazia empregos e receitas fiscais para a região. Com os mentores do Teri a equipe aprendeu que os micróbios podiam ser usados para decompor produtos químicos no rio e que havia tecnologia disponível para evitar mais poluição. “Procuramos mostrar a necessidade de se manifestar abertamente quando você mora em um vilarejo. Se os seus problemas não forem considerados importantes para todos, você não será ouvido”, disse Nayar.

Sua apresentação ponderada rendeu aos estudantes o convite para a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável de Nova Délhi em 3 de fevereiro de 2011, conferência mundial patrocinada pelo Teri na qual são entregues os prêmios Green Globe. “Foi o melhor dia da minha vida”, disse Nayar sobre o recebimento do prêmio.

Ela espera, no final, conseguir um doutorado que lhe permita tratar de problemas ambientais a partir de uma perspectiva social que assegure a participação das comunidades locais nas soluções verdes para o futuro. ■

— Karin Rives



Latika Nayar

Foto: Cortesia

2011. Desse total, a maioria é originária da Índia e o restante, de outros 11 países. Durante a conferência realizada em fevereiro de 2011, os estudantes foram divididos em grupos, cada um responsável pela solução de um problema ambiental específico. A equipe de Nayar cuidou do estudo de caso no qual uma grande instalação industrial havia se mudado para a zona rural, forçado o remanejamento de alguns aldeãos e poluído o rio local do qual os moradores dependiam para

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.





Bancando o Vento

O compromisso do Nedbank com a energia verde ajuda o banco a manter seu status de primeiro banco **neutro em carbono** da África e a conservar sua bem cultivada reputação ambiental.



Cortesia: Nedbank

O guarda-florestal Jantjie Mphela do Parque Kruger ajuda a proteger búceros em perigo de extinção como parte de um programa de conservação patrocinado pelo Nedbank

No final de 2010, moradores curiosos do município de Dunoon, próximo à Cidade do Cabo, observaram a instalação de uma turbina eólica de 15 metros de altura perto de um novo banco em um centro de compras local. Não é todo dia – na África do Sul ou em qualquer outro lugar – que um banco local usará energia eólica para energizar caixas automáticos, computadores e lâmpadas.

Do ponto de vista da segurança energética, contudo, fez total sentido. Com a escassez de fornecimento e frequentes apagões infestando a sobretaxada rede de energia elétrica da África do Sul, o segundo maior banco de varejo do país está em busca de energia renovável enquanto amplia sua rede de agências.



Cortesia: Nedbank

A agência de Dunoon do Nedbank é parcialmente energizada por uma turbina eólica

No CAMINHO AMBIENTAL

Segundo as explicações dos executivos do Nedbank, o investimento em energia eólica é apenas a continuação de uma jornada corporativa que começou há cerca de 20 anos.

Em 1990, o banco estabeleceu uma parceria com o Fundo Mundial para a Natureza (WWF), grupo conservacionista internacional, conhecida como Fundo Verde, que continua em vigor. Até agora, o fundo levantou 100 milhões de randes (cerca de US\$ 14 milhões) para mais de 170 projetos de conservação da vida selvagem e de habitats em toda a África do Sul.

Então, em 2010, o Nedbank tornou-

se o primeiro banco africano a atingir **neutralidade em carbono**, ou seja, zero de **emissões de gases de efeito estufa**. Atingiu esse status investindo pesado em eficiência energética e comprando os chamados **créditos de carbono** de um programa de proteção florestal no Corredor de Vida Selvagem Kasigau, no Quênia.

O programa de **créditos de carbono**, que ajuda empresas e pessoas físicas a compensar sua poluição por gases de efeito estufa investindo em projetos de redução de emissões em outros lugares, é administrado por uma empresa de conservação sediada nos EUA, a Wildlife Works.

“Para nós, é importante conseguirmos ter nossa própria casa em ordem antes de assumir um papel de liderança no contexto maior África do Sul – África”, disse Brigitte Burnett, responsável pela **sustentabilidade ambiental** do Nedbank.

“Buscamos a **neutralidade em carbono** para garantir que nossas operações causem o mínimo possível de impacto no meio ambiente”, declarou. “Mas também consideramos isso uma excelente plataforma para criar um pouco de liderança e de ideias sobre como a África do Sul pode desempenhar sua parte no enfrentamento das mudanças climáticas.”

SEJA DESPOJADO, SEJA VERDE

A agência de Dunoon obtém atualmente 35% de sua eletricidade de uma turbina eólica, mas essa participação pode crescer para 75%, uma vez que o banco instalou lâmpadas que economizam energia e aparelhos de ar condicionado com melhor eficiência energética, disse Ralph Stuart, chefe da infraestrutura de canais do Nedbank. À medida que o banco reforça investimentos

em energia renovável, espera diminuir gradualmente sua dependência da matriz energética nacional baseada no carvão. Porém, também isso exigirá compromisso permanente com economias energéticas.

Nos últimos três anos, o Nedbank cortou cerca de 36 milhões de randes (US\$ 5 milhões) em custos operacionais reduzindo viagens de negócios, instalando lâmpadas e aparelhos que economizam energia e diminuindo o consumo de papel e de água.

O banco também está coletando conhecimentos de outras corporações que investem em soluções verdes. Stuart, por exemplo, está conversando com a MTN, operadora de telefone celular líder da África do Sul que vem combinando, em áreas rurais remotas, painéis solares com turbinas eólicas em estações de antenas. Essa abordagem pode também funcionar para as agências do Nedbank em áreas

de pouco vento, afirmou ele.

As próximas agências do Nedbank movidas a vento têm sua inauguração prevista na província de Porto Elizabeth e em outra parte do Cabo Ocidental. O banco também está cogitando adaptar as agências e os caixas automáticos existentes para energia eólica ou outras opções de energia limpa.

“Nós nos orgulhamos dessas realizações”, disse Stuart. “Estou realmente orgulhoso de trabalhar para o Nedbank.” ■

— K.R.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

“Para nós, é importante conseguirmos ter nossa própria casa em ordem antes de assumir um papel de liderança no contexto maior África do Sul — África.”

Solução Doce Economiza Água



AP Images

Trabalhador do campo salvadorenho colhe cana-de-açúcar

Joe Rozza lembra dos olhares perplexos que lhe deram seus colegas da escola de ensino médio da Flórida no início dos anos 1980 quando propôs um plano para proteger os frágeis lagos e riachos desse estado.

Escoamento de águas pluviais? Água poluída?

Muita coisa mudou desde então. Atualmente, Rozza viaja pelo mundo representando a Coca-Cola Co. para supervisionar projetos de gestão de água e esgoto iniciados pela Aliança para a Água e o Desenvolvimento (Wada) — parceria entre seu empregador e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Ele é o gerente global de Sustentabilidade de Recursos Hídricos da empresa.

Em todos os lugares onde Rozza vai hoje em dia, as pessoas dão seu apoio. O acesso à água limpa tornou-se uma prioridade cada vez maior para todos os países à medida que as populações aumentam e as mudanças climáticas ameaçam o abastecimento de água. Isso é especialmente verdadeiro na

América Central, que está se tornando cada vez mais vulnerável a furacões e secas relacionados com mudanças climáticas, de acordo com as Nações Unidas. Em 2009, vários países da região declararam estado de emergência devido a secas prolongadas que ameaçaram lavouras e o abastecimento de água doce. A probabilidade de secas mais frequentes e prolongadas no futuro torna o monitoramento e a conservação da água uma prioridade para a região. Cerca de 80% da água doce da América Central é consumida em atividades agrícolas — uma porcentagem que a região não pode se permitir, pois as secas tornam a água cada vez mais escassa.

PARCERIA PARA CONSERVAÇÃO DE RECURSOS HÍDRICOS

A água também é importante para grandes empresas, inclusive a Coca-Cola, cujos negócios dependem do acesso constante à água limpa e à cana-de-açúcar e de comunidades economicamente saudáveis que possam comprar seus produtos.

“Em última análise, melhorar a **sustentabilidade [ambiental]** e as oportunidades de desenvolvimento econômico no mundo em desenvolvimento criará oportunidades comerciais não somente para a Coca-Cola Company, mas também para muitas outras empresas”, disse Rozza.

Segundo ele, mediante parceria em questões de recursos hídricos, a Coca-Cola e a USAID foram capazes de unir seus recursos e conhecimentos técnicos para conseguir um resultado melhor. Em El Salvador e na Guatemala, a aliança está trabalhando com refinarias de açúcar e governos locais para melhorar as práticas de gestão de água e esgoto. O projeto de US\$ 362 mil, que começou em 2009, é semelhante a outros projetos da Wada realizados há poucos anos na Austrália, no Brasil, na China e na África do Sul.

Os parceiros contrataram a organização sem fins lucrativos Fundação Mundial para o Meio Ambiente e a Tecnologia (GETF) para trabalhar com usinas de açúcar nos dois países para certificar-se de que cumprem compromissos de **sustentabilidade ambiental** expressos em um acordo de livre comércio entre os Estados Unidos, a República Dominicana e cinco países da América Central. O plano é reproduzir o programa da Wada em países abrangidos pelo acordo.

O acesso à água limpa tornou-se uma prioridade cada vez maior para todos os países à medida que as populações aumentam e as mudanças climáticas ameaçam o abastecimento de água.

INDÚSTRIA DO AÇÚCAR E NOVAS NORMAS

A GETF realiza auditorias de refinarias de açúcar, recomenda mudanças destinadas a melhorar seu desempenho e ajuda gerentes a implementar melhores práticas. Em muitos casos, as mudanças feitas pela fundação — como instalar melhores

máquinas — ajudam imediatamente as fábricas a economizar dinheiro em energia e água. De acordo com a GETF, isso ajudou a aliança a vender a ideia a outras empresas e a vencer a resistência a investimentos de capital por vezes elevados.

Até março de 2011, quatro refinarias — todas fornecedoras da Coca-Cola — aderiram, e espera-se que mais empresas se unam à campanha. A Wada está pressionando os fornecedores a medir seu desempenho segundo normas de produção voluntárias, como as da Bonsucro: Better Sugar Cane Initiative, lançada em 2010 para diminuir o impacto da indústria da cana-de-açúcar sobre o meio ambiente.

Rozza, da Coca-Cola, está feliz por poder impulsionar a marca de sua empresa na área de responsabilidade corporativa.

“Os programas nos quais estamos envolvidos, como o da Wada, estão resultando em verdadeira mudança para melhor”, disse ele. ■

— K.R.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

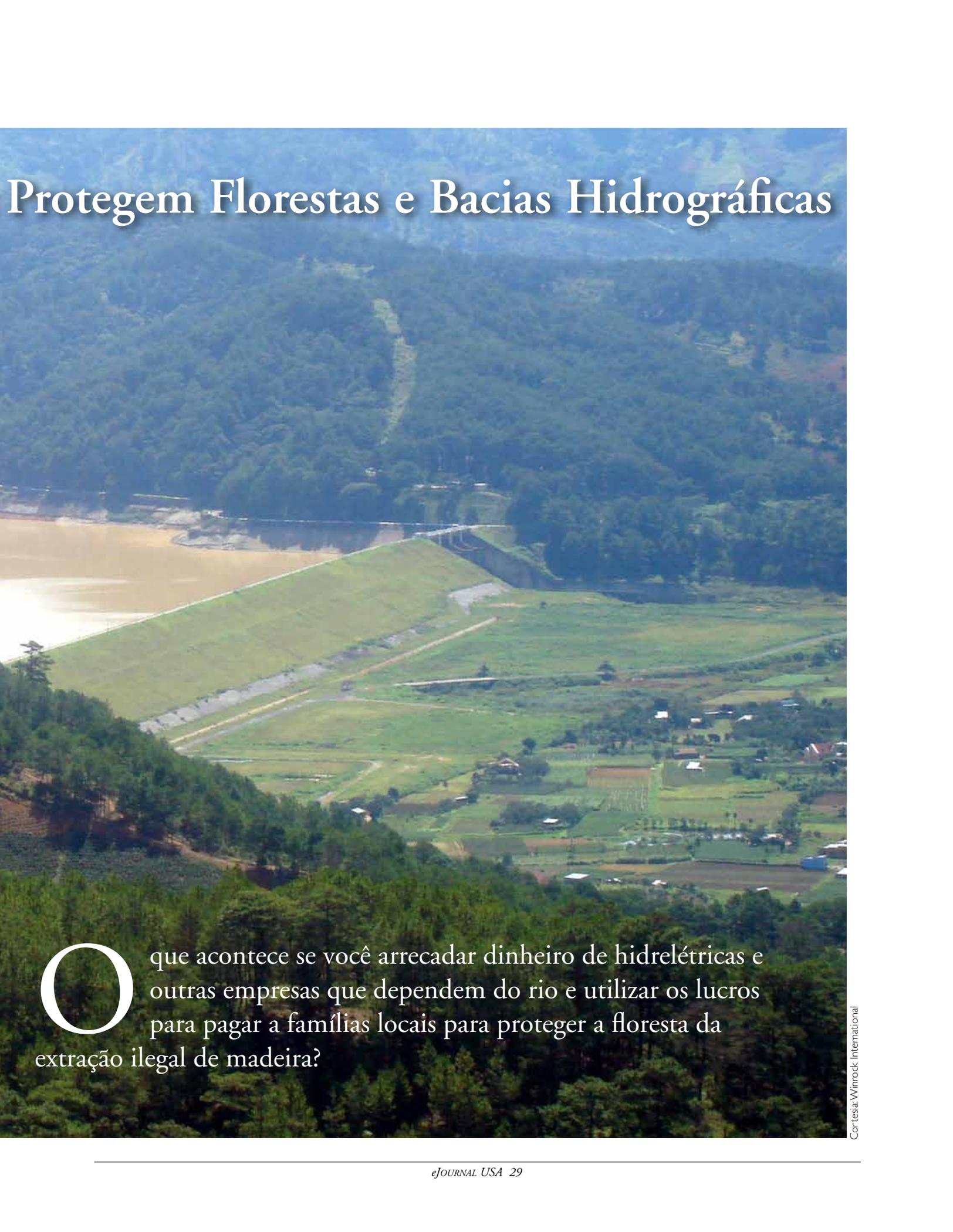


Empregados da Compañía Azucarera Salvadoreña colhem cana-de-açúcar para a usina de açúcar em San Julián, El Salvador

Aldeños



Protegem Florestas e Bacias Hidrográficas

An aerial photograph showing a large dam structure across a river. The river is filled with brown, turbid water. The surrounding landscape is a mix of dense green forests, open green fields, and small clusters of buildings, likely a rural settlement. The terrain is hilly and mountainous in the background.

O que acontece se você arrecadar dinheiro de hidrelétricas e outras empresas que dependem do rio e utilizar os lucros para pagar a famílias locais para proteger a floresta da extração ilegal de madeira?



Cortesia: Winrock International

Agricultores das comunidades étnicas minoritárias K'ho formam patrulhas para proteger a floresta na bacia hidrográfica de Da Nhim

Durante um projeto-piloto de dois anos de duração na província de Lam Dong, no Vietnã, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e a Winrock International, grupo de desenvolvimento sem fins lucrativos que presta serviços para a agência, trabalharam com produtores de energia, agências de turismo, o governo vietnamita e moradores locais para colocar tal plano em vigor. O resultado: a extração ilegal de madeira na província caiu pela metade entre 2008 e 2010. Projetos semelhantes foram bem-sucedidos nos Estados Unidos e na Costa Rica.

RECRUTAMENTO DE PESSOAS LOCAIS

O programa no Vietnã recrutou quase 8 mil famílias, concedendo a cada uma delas em média cerca de 11 milhões de dong vietnamitas (cerca de US\$ 537) por ano em troca de os seus membros se comprometerem a patrulhar e monitorar regularmente uma parte da floresta.

A eficácia de tal trabalho de base – o primeiro projeto-piloto desse tipo no Sudeste Asiático – virou manchete e levou o primeiro-ministro do Vietnã, Nguyen Tan Dong, a emitir um decreto nacional tornando o Pagamento pelos Serviços Ambientais da Floresta (Pfes) um programa permanente.

O programa ajuda a proteger a **biodiversidade** e a sustentar comunidades e empresas na sensível bacia do Rio Mekong. Ao proteger as árvores, o plano do Pfes também ajuda a reduzir as emissões de dióxido de carbono que são lançadas quando ocorre a extração de madeira.

“É essencial recrutar pessoas do próprio lugar”, disse Barry Flaming, especialista em desenvolvimento de programas focado em **biodiversidade**, no escritório da USAID na Ásia, em Bangcoc. “Eles são os administradores das florestas e das bacias hidrográficas locais e são os que colhem os benefícios e os custos dessas atividades. A ação local pode ser bastante eficaz em projetos como esse, mas só se existirem incentivos suficientes e houver apoio político adequado para a participação local.”



Corbis Images

Jovem mulher K'ho apanha lenha legalmente. A sua família ajuda a combater a extração ilegal de madeira?



Cortesia: Winrock International

Aldeões leem *outdoor* explicando os benefícios de manter o ecossistema intacto

A extração de madeira no Sudeste Asiático — uma pequena parte dela legal, mas na sua maior parte ilegal — contribui enormemente para o aumento das **emissões de gases de efeito estufa** no mundo. A extração de madeira ocorre para abrir espaço para a agricultura, que alimenta populações cada vez maiores, ou para acomodar o crescimento econômico. Às vezes as árvores são cortadas para a obtenção de lucros com a madeira. Os resultados de qualquer uma dessas práticas podem ser devastadores.

As árvores absorvem e armazenam quantidades significativas de dióxido de carbono que é lançado no momento em que são cortadas. A degradação da floresta também leva à erosão e ao acúmulo de sedimentos em vias navegáveis. Isso pode ter um efeito negativo sobre as usinas hidrelétricas a jusante. Quando as florestas são cortadas e as paisagens destruídas, os habitats de vida selvagem e o turismo também sofrem.

Segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, quase 17% das emissões mundiais de dióxido de carbono, a principal causa das mudanças climáticas, vêm do desmatamento. Aproximadamente metade dessas emissões é originária das nações tropicais do Sudeste Asiático, com a Indonésia liderando o grupo.

Em estudo de janeiro de 2011, a Winrock International relatou que o programa vietnamita Pfes, se continuar sendo bem-sucedido, poderá evitar a perda de 14 mil hectares de floresta entre 2010 e 2037 e impedir que mais de 8 milhões de toneladas de emissões de dióxido de carbono sejam lançadas na atmosfera.

EDUCAÇÃO E INCENTIVOS

A organização ajudou a província de Lam Dong a estabelecer o primeiro fundo provincial de proteção e desenvolvimento de florestas do Vietnã e a criar um mecanismo para arrecadar dinheiro das empresas hidrelétricas e de água e de 59 concessões de turismo.

O grupo também realizou uma ampla campanha educacional para engajar pessoas no local – os agricultores e moradores locais dos quais dependerá o sucesso do programa.

Vinte e quatro painéis de pôsteres, 200 pequenos *outdoors* e 42 *outdoors* de beira de estrada foram montados para ensinar as pessoas sobre o valor da **biodiversidade** e o papel que as árvores desempenham no ecossistema. A organização distribuiu ainda mais de 14 mil folhetos e ajudou o Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural do Vietnã a realizar um vídeo com duração de 30 minutos sobre o programa Pfes com exibição nacional.

As famílias locais aprenderam como podem se beneficiar financeiramente de sua associação com os vizinhos e do patrulhamento regular de uma parte da floresta. A participação aumentou rapidamente, com 3.500 famílias em 2009 e mais outras 4.500 no ano seguinte.

As equipes florestais de Lam Dong também têm a responsabilidade de reportar violações aos conselhos florestais locais e manter os dossiês que constituem a base para os pagamentos das empresas participantes.

O programa cuidadosamente elaborado passou a ser um modelo para outras províncias vietnamitas e nações vizinhas, segundo a Winrock International. Entretanto, de acordo com a organização, para que o programa tenha um impacto real e duradouro sobre a extração ilegal de madeira, a aplicação da lei na região deve ser mais bem coordenada para garantir que sejam feitas detenções e que os infratores sejam multados de forma compatível. ■

— K.R.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Cortesia: Winrock International

Aldeões são treinados para monitorar a água na bacia hidrográfica de Da Nhim

Programa de Edifícios Verdes Decola na Cisjordânia



Cortesia: USAID

O projeto e a tecnologia de edifício verde reduziram em mais da metade, em comparação com uma estrutura normal, os custos de água e de energia do Centro Safeer de 580m²

Seis meses após a abertura do Centro Safeer na Cisjordânia, muitas das quase 3 mil crianças, que participam com regularidade de suas atividades extracurriculares, avaliaram com entusiasmo as instalações de dois andares.

“É a primeira vez que vejo um edifício favorável ao meio ambiente. Na verdade, é também um edifício favorável às crianças!”, disse Sondus Hajeer de 14 anos, que gosta do estilo moderno e das cores vivas do centro.

ESTUDO DA ESTRUTURA VERDE

Jameel Agra, assim como Hajeer morador do campo de refugiados de Askar na Cisjordânia, tinha 10

anos quando começou seu voluntariado para o Centro Safeer na época em que estava instalado em um edifício alugado em Nablus. Ele estudou as eficientes camadas de isolamento do novo edifício, visíveis através de um recorte na parede. Interessou-se também pelo sistema de coleta de água de chuva e de sombras das janelas do centro, que reduzem os custos do ar condicionado.

“A ideia de um edifício verde era nova para mim e total novidade para o nosso campo. Eu realmente gosto do novo edifício”, disse Agra. Ele ficou tão inspirado pelo conceito que decidiu estudar engenharia com especialidade em edifícios favoráveis ao meio ambiente.

O Centro Safeer, de propriedade da entidade sem fins lucrativos Sociedade Child Care da Palestina, e por ela

administrado, mudou para o novo edifício em dezembro de 2010. É uma instalação melhor e mais saudável para as muitas crianças que participam dos programas educacionais do centro.

A construção do centro foi financiada pelo governo americano por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Durante os próximos cinco anos, o Programa de Desenvolvimento de Infraestrutura da USAID pretende financiar a construção de vários outros edifícios verdes, que servirão de modelo nas áreas carentes de recursos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

Esses edifícios serão construídos como parte de um programa ambicioso de US\$ 100 milhões financiado pelo governo dos EUA para melhorar as condições de vida e estimular projetos de infraestrutura **ambientalmente** e socialmente **sustentáveis** nos territórios palestinos. Por meio desse programa, a USAID também está patrocinando uma iniciativa de bolsas de engenharia verde para universitários formados recentemente, realizando workshops para autoridades locais do governo palestino e representantes do setor privado, e apoiando a conscientização pública sobre a conservação de energia e outras questões ambientais.

O primeiro item da lista de prioridades é um novo centro comunitário no norte da Cisjordânia, seguido de uma escola verde cujo objetivo é tornar-se o primeiro edifício certificado pela LEED na área e um

dos primeiros no mundo árabe. LEED é a sigla de Liderança em Energia e Design Ambiental, cobiçado e internacionalmente reconhecido padrão de certificação verde, que fornece verificação por terceiros de que um edifício ou comunidade foi projetado e construído com o uso de métodos destinados a melhorar a economia de energia, a eficiência hidráulica, reduzir as emissões de dióxido de carbono, bem como melhorar a qualidade ambiental em ambientes fechados e a gestão de recursos.

○ QUE HÁ NISSO PARA NÓS?

Assim como as pessoas de qualquer lugar do mundo, os palestinos tiveram inicialmente algumas concepções erradas acerca dos edifícios verdes, disse Kari Jorgensen Diener, especialista em edifícios verdes da CHF International, parceira da USAID em seu programa de desenvolvimento de infraestrutura comunitária. “O grande desafio tem sido

a preocupação com os custos e fazer com que as pessoas superem isso”, afirmou ela. “As pessoas nos dizem: ‘Temos um orçamento limitado e não queremos fazer algo muito luxuoso nem usar tecnologia que não poderemos manter’. Então, trabalhando com elas, tentamos enfatizar que um edifício verde não significa necessariamente tecnologia cara. Pode ser algo tão simples como a posição da frente de um edifício ou da sombra do sol.”

Quando os líderes locais entendem que as características do projeto verde, de fato, economizarão recursos de suas comunidades a longo prazo, a resistência começa a ceder, disse ela. Na verdade, os custos com eletricidade do Centro Safeer foram reduzidos pela metade e o uso de água diminuiu em dois terços durante os primeiros seis meses de operação. Isso liberou recursos para computadores, programas adicionais, novos funcionários e outras necessidades prementes.



Cortesia: USAID

Cerca de 3 mil crianças dos campos antigo e novo de refugiados de Askar, em Nablus, usam o centro educacional pré-escolar Safeer

Tais benefícios, juntamente com o reconhecimento de que os edifícios verdes, construídos quase em sua totalidade com materiais locais, resultam em mais empregos e comunidades mais saudáveis e estão gerando entusiasmo pela construção **ambientalmente sustentável** na região, acrescentou Kari Diener. Assim também é a ideia de voltar a alguns

projetos de edifícios inteligentes que foram aperfeiçoados no Oriente Médio gerações atrás, como jardins que oferecem ventilação natural nos dias quentes de verão.

Os custos de energia na Faixa de Gaza e na Cisjordânia tendem a ser duas vezes maiores do que nos países vizinhos, porque praticamente toda a eletricidade e o combustível são importados. Isso tornou as pessoas da região desejosas de economizar quando possível.

“As pessoas entendem rapidamente que os edifícios verdes trazem muitos benefícios para elas”, acrescentou Kari. ■

— K.R.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Alunos Batalham por Soluções Energéticas Inovadoras



Cortesia: Zero Fotografie

Membros de uma equipe internacional trabalham em um plano para eliminar todas as emissões de dióxido de carbono das viagens espaciais

Elas se conheceram em um grande auditório de conferências empresariais no porto holandês de Roterdá para procurar respostas a alguns dos problemas energéticos mais inquietantes do mundo: cerca cem universitários representando diferentes disciplinas e países competiram motivados pelo desejo de criar soluções.

A segunda rodada preliminar da Batalha NRG Internacional, competição patrocinada pela iniciativa privada com 15 equipes, ocorreu no início de junho de 2011. Os alunos tiveram um dia para apresentar propostas a desafios, tais como fazer com que a rede de energia elétrica holandesa seja capaz de atender 10 milhões de carros elétricos, reduzir a zero as emissões de dióxido de carbono de espaçonaves, substituir a energia nuclear por gás natural e usar a mídia social para que as residências economizem energia.

Esses e outros desafios foram apresentados aos participantes pelas empresas que patrocinam a competição, entre elas, algumas das maiores empresas de energia da Europa. Essas empresas, que agem com rapidez para reduzir as **emissões de gases de efeito**

estufa e desenvolver fontes de energia renováveis para cumprir as obrigações do Protocolo de Kyoto, estão procurando soluções inovadoras. O Protocolo de Kyoto é o sistema liderado pelas Nações Unidas elaborado para deter a mudança climática.

TODOS GANHAM

Alunos de diferentes partes do mundo inscrevem-se online para participar da competição e são selecionados com base em seus interesses e experiência. Os candidatos mais brilhantes e promissores são então convidados a se juntar à equipe da “batalha” que elabora e faz uma apresentação de três minutos para um júri de executivos de empresas no dia do evento.

“Os benefícios para os alunos são as possibilidades de fazer novos contatos, as oportunidades de conseguir um estágio ou mesmo um emprego melhor, além de adquirir experiência prática na área que estão interessados”, disse Jan Schulte, porta-voz da StudentStock, organização localizada na Holanda patrocinadora da Batalha NRG.

“As empresas participam por causa das perspectivas atuais e inovadoras que os alunos conferem aos projetos (...) e ‘a batalha’ é uma excelente oportunidade de recrutar talentos”, afirmou. “Nossa ambição é nos tornarmos um polo global de talentos para ideias inovadoras por meio da colaboração de estudantes e universidades, empresas e governos nacionais. Acreditamos que se trabalharmos em conjunto com todas as partes envolvidas para encontrar soluções sustentáveis e inovadoras, poderemos viver em um mundo mais verde.”

Ismaël Drenth, estudante de 24 anos que está se especializando em geração e distribuição de energia internacional na Universidade Hanze de Ciências Aplicadas, na Holanda, disse que quer dedicar sua carreira às **redes inteligentes** – tecnologia que torna os sistemas de energia mais eficientes e ajuda os consumidores a economizar energia.

Ao participar da Batalha NRG pelo segundo ano consecutivo, ele integrou uma equipe forte na semifinal de Roterdã.

SOLUÇÃO PARA O FUTURO

A Siemens, grande empresa de tecnologia alemã, perguntou à equipe de Drenth se a demanda de energia elétrica holandesa poderia ser suprida com uma mistura de vento em alto mar e gás natural até 2050. A empresa especificou que a solução também precisaria atender a um aumento no número de carros elétricos e permitir que tais veículos armazenassem eletricidade temporariamente

e retornassem energia para a rede elétrica. Essa tecnologia emergente, conhecida como eletromobidade, é de interesse das operadoras de energia que devem planejar o fornecimento de eletricidade e os picos de demanda.

A solução, Drenth e sua equipe concluíram, é uma **rede inteligente** sofisticada controlada por computadores que ajuda a resolver o problema de armazenamento de energia, em parte aproveitando a energia nas baterias dos carros elétricos e fazendo com que as usinas elétricas movidas a gás sirvam de apoio quando a produção das estações eólicas estiver baixa. Isso, por sua vez, daria segurança aos investidores em energia eólica em alto mar e aumentaria substancialmente a fonte de energia limpa economicamente viável, argumentou a equipe.

A equipe de Drenth venceu e avançou para a terceira e última rodada da competição a ser realizada em outubro de 2011.

Ele espera vir a usar sua paixão por tecnologia de ponta para tornar o mundo um lugar melhor. “Meus planos de carreira não estão ainda completamente cristalizados”, afirmou. “Mas de uma coisa tenho certeza: quero desenvolver a área energética para ter certeza de que tudo está em equilíbrio.” ■

— K.R.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



Cortesia: Zero Fotografie

Ismaël Drenth, o primeiro a partir da esquerda, e companheiros da sua equipe comemoram a vitória junto com líderes da iniciativa privada e da cidade de Groningen

Governos Locais Assumem a Liderança sobre o Clima

Tommy Linstroth e Ryan Bell



AP Images

Portland, em Oregon, foi pioneira em políticas inteligentes de crescimento urbano nos Estados Unidos. A extensa rede de transporte da cidade inclui bondes

Citamos abaixo trechos de Local Action: The New Paradigm in Climate Change Policy [Ação Local: O Novo Paradigma na Política de Mudanças Climáticas] de Tommy Linstroth e Ryan Bell, University of Vermont Press, 2007. O título e os subtítulos foram acrescentados pelos editores da eJournal.

A pesar dos obstáculos [como tornar local um tema global e conseguir recursos], os governos em âmbito local podem ser locais ideais para enfrentar o aquecimento global por três motivos abaixo relacionados. Primeiro, os governos locais adotam suas próprias políticas, apropriadas às circunstâncias locais específicas. Os governos locais controlam muitos dos fatores relacionados com **emissões de gases de efeito estufa**, como leis sobre energia, decisões sobre uso da terra, regulamentações residenciais e comerciais, opções de trânsito e disposição de resíduos sólidos. Segundo, as autoridades locais podem incentivar providências tomadas por outros em resposta às mudanças climáticas, pressionando o governo nacional e demonstrando os custos e benefícios das melhores práticas no controle de **emissões de gases de efeito estufa**. Finalmente, os municípios têm experiência considerável em enfrentar os impactos ambientais locais nas áreas de gestão de resíduos e energia, transporte, planejamento e desenvolvimento.

A CIDADE COMO LABORATÓRIO DE POLÍTICAS

Além disso, medidas adotadas em âmbito local são uma forma de proteção ambiental e conservação de recursos de baixo para cima e podem atuar como microcosmos para



AP Images

O complexo solar Sonnenshiff (nave solar) em Freiburg, Alemanha, produz quatro vezes a energia que consome

possíveis políticas nacionais. Demonstrações da eficácia de opções de mitigação em âmbito local podem tornar mais viável a adoção de políticas semelhantes pelos mais altos escalões do governo e tornar providências internacionais mais atraentes. Pesquisas indicam que há um histórico de governos locais demonstrando a eficácia de políticas que, em seguida, são adotadas por esferas mais altas do governo.

Os governos locais têm várias oportunidades de influenciar as emissões liberadas por suas comunidades. Embora seja limitada a sua capacidade de tomar providências diretas para reduzir as emissões do setor privado, o governo pode utilizar políticas, incentivos e investimentos para promover a redução de emissões. Ao assumir papel de liderança na definição de um arcabouço de programas de redução de gases de efeito estufa, os governos locais podem observar um aumento do nível de participação

de todos os setores e, com isso, obter mais sucesso no cumprimento de suas metas de redução de emissões.

[...] Os governos locais têm uma grande vantagem sobre unidades de gestão maiores por serem de menor tamanho, menos burocráticos e mais flexíveis do que instituições nacionais, internacionais ou até mesmo estaduais. Eles estão mais próximos de suas bases eleitorais e podem monitorar diretamente os efeitos de políticas e medidas aplicadas e, assim, ajustar-se com mais rapidez às mudanças de situação. Os governos locais podem experimentar mais prontamente políticas inovadoras. Outras comunidades podem adotar os programas comprovadamente bem-sucedidos e, se um método não tiver o impacto desejado, podem ser feitas mudanças sem que o país todo tenha de alterar o curso no meio do caminho. Portanto, o âmbito local é o âmbito ideal para lidar com as reduções de **emissões de gases de efeito estufa**.

LIÇÕES APRENDIDAS

As experiências dos primeiros a adotarem tais medidas — governos locais que vêm tentando enfrentar o aquecimento global desde o final dos anos 1980 — ajudaram a ilustrar algumas características fundamentais que podem garantir o sucesso de programas locais de enfrentamento das mudanças climáticas. Para desenvolver um programa verdadeiramente bem-sucedido, é importante que o governo local:

- Tenha uma meta tangível em relação à qual o progresso possa ser medido. Com bastante frequência, as políticas são determinadas com objetivos vagos, o que as leva a ser negligenciadas ou carecer de um mecanismo para medir o sucesso.
- Elabore um plano de ação formal com ações, responsabilidades e critérios de desempenho específicos detalhados. Realizar um esforço coordenado em que ações e políticas se complementem mutuamente aumenta muito as chances de sucesso em comparação com a implementação de uma série de ações não relacionadas entre si.
- Vincule a redução das emissões a outras metas e objetivos locais. [...] A proteção do clima pode tratar de objetivos econômicos, de saúde pública e de qualidade de vida das comunidades. Vincular a redução das emissões a essas iniciativas e integrá-las com planos municipais mais amplos ajudará a assegurar a longevidade diante de recursos limitados e prioridades conflitantes.
- Envolve a população e os mais variados setores durante todo o processo. Em última análise, é a população que

Medidas adotadas em âmbito local (...) podem atuar como microcosmos para possíveis políticas nacionais.



Cortesia: Tim Tay

O Forte Collins, no Colorado, possui veículos elétricos, inclusive motonetas elétricas

terá de implementar a maioria das políticas adotadas. Portanto, envolver os setores afetados desde o princípio, de forma que se considerem partes interessadas, aumentará as possibilidades de sucesso de um programa.

- Forme parcerias nas comunidades e entre elas. Quanto maior a quantidade de recursos, capacitações e pontos de vista colocados na mesa, melhor. É bem provável que outros

programas locais venham a ajudar na redução das emissões. Viabilize sistemas em que diferentes entidades possam contribuir em suas áreas de especialização.

- Monitore ativamente os resultados. Não importa até que ponto os programas são planejados com antecedência, podem ocorrer

resultados inesperados. Os órgãos de implementação devem estar conscientes dos impactos diretos e colaterais de seus programas.

E, o mais importante, as jurisdições locais devem ser flexíveis e abertas à inovação. Se um regime de monitoramento mostrar que um programa não tem o resultado desejado, o governo local deve ter a flexibilidade de se adaptar. Além disso, como as mudanças climáticas são um problema maior do que os enfrentados normalmente pelas comunidades locais, serão geralmente necessárias medidas não convencionais para se obter soluções. Os governos locais devem estar abertos à inovação em vez de aderir a políticas habituais. ■

Tommy Linstroth é fundador e diretor da consultoria Trident Sustainable Group. Ryan Bell é gerente de Projetos de Sustentabilidade do condado de Alameda, na Califórnia.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Glossário

Biodiesel – Combustível feito de óleo vegetal ou gordura animal que pode ser usado em motores diesel padrão como alternativa de baixo carbono a combustíveis diesel usuais.

Biodiversidade – A variedade de vida e seus processos que inclui a diversidade de organismos vivos, as diferenças genéticas entre eles e as comunidades e os ecossistemas nos quais eles ocorrem.

Comércio de carbono – Sistema de comércio relacionado com esquemas destinados a limitar as emissões de carbono (gás de efeito estufa). *(Veja mercado de cap-and-trade.)*

Crédito de carbono – Permissão para que um país ou organização produza uma determinada quantidade de emissões de carbono (gás de efeito estufa). Essas permissões podem ser negociadas. *(Veja mercado de cap-and-trade)*

Densidade de ocupação (urbana, de desenvolvimento) – O número de pessoas que moram em uma área urbanizada. Densidades mais elevadas estão associadas com benefícios como o uso mais eficiente do transporte e da infraestrutura, como sistemas de água e esgoto.

Emissões de gases de efeito estufa – Emissões de gases, principalmente carbono, produzidos pela atividade humana e por processos naturais que aprisionam o calor na atmosfera, causando o aquecimento global. O dióxido de carbono e o metano são os principais gases de efeito estufa.

Mercado de cap-and-trade (teto-e-negociação) – A parte central do mecanismo do comércio de emissões. Segundo esse mecanismo, uma autoridade define um limite ou teto de emissões de um poluente e permite que as entidades que ultrapassarem o limite comprem créditos de emissão daquelas que ficarem abaixo do limite. *(Veja crédito de carbono)*

Neutralidade em carbono – Zero de emissões líquidas de carbono (gás de efeito estufa) alcançadas pelo equilíbrio de uma quantidade de carbono em emissões lançadas na atmosfera com uma quantidade equivalente de carbono em emissões sequestradas ou compensadas ou créditos de carbono (ou uma mistura das duas medidas.)

Padrão de combustível (de carbono) – Regra destinada a reduzir o teor de carbono dos combustíveis para transporte. Os combustíveis mais comuns de baixo carbono são o gás natural, o etanol e o biodiesel.

Padrões para o portfólio de energias renováveis – Regulamentação que determina que empresas de serviços públicos e outros fornecedores de eletricidade gerem uma parcela específica de seu fornecimento a partir de determinadas fontes de energia renovável, como energia eólica, solar e geotérmica.

Pegada de carbono – A quantidade de gases de efeito estufa emitida como resultado do consumo de combustíveis fósseis por uma pessoa, grupo, empresa ou país.

Rede inteligente – Rede elétrica configurada como rede de fornecedores, sistemas de distribuição e consumidores que permite interações entre a empresa prestadora do serviço e seus clientes. Essa rede utiliza tecnologia digital para economizar energia, reduzir custos e aumentar a confiabilidade e a transparência do fornecimento.

Sustentabilidade ambiental – A condição de atender às necessidades da atual geração sem comprometer ecossistemas e meio ambientes essenciais à capacidade das futuras gerações de atender suas próprias necessidades.

Uso inteligente do solo – Política pública que procura usar o solo com eficiência e responsabilidade ambiental. Faz parte do desenvolvimento do solo com sensibilidade ambiental destinado a minimizar a dependência ao transporte de automóveis, reduzir a poluição do ar e tornar os investimentos em infraestrutura mais eficientes.

Recursos Adicionais

Mais informações sobre ações climáticas de base

C40 Grandes Cidades — Grupo de Liderança Climática, rede dos maiores municípios do mundo comprometidos em compartilhar informações e trabalhar juntos, com o apoio da Iniciativa Climática Clinton.
<http://www.c40cities.org/>

Registro Climático das Cidades Carbonn, serviço on-line que ajuda as cidades e os governos locais a medir, informar e verificar suas medidas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa.
<http://carbonn.org/carbonn-cities-climate-registry/>

Centro de Proteção do Clima, centro de informações da Conferência de Prefeitos dos EUA sobre melhores práticas, verbas e eventos relacionados com o Acordo de Prefeitos dos EUA pela Proteção do Clima, de 2005.
<http://www.usmayors.org/climateprotection/about.htm>

Rede do Dia da Terra, grupo não governamental dedicado à educação de jovens e do público em geral de todo o mundo sobre questões ambientais.
<http://www.earthday.org/>

ICLEI – Governos Locais pela Sustentabilidade, associação de mais de 1.220 governos locais de 70 países comprometidos com o desenvolvimento ambientalmente sustentável.
<http://www.iclei.org/>

Batalha NRG Internacional, concurso estudantil internacional patrocinado pela iniciativa privada para soluções de problemas energéticos e climáticos.
<http://www.nrgbattle.nl/home.php>

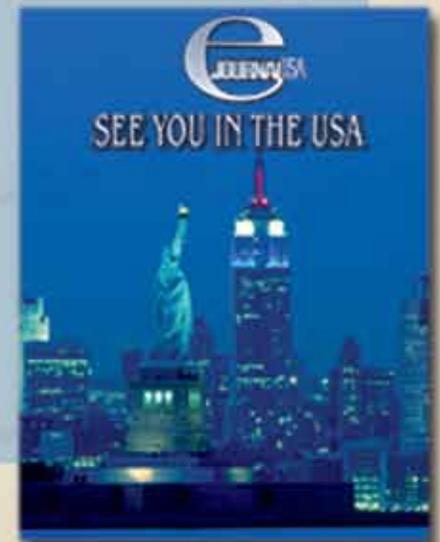
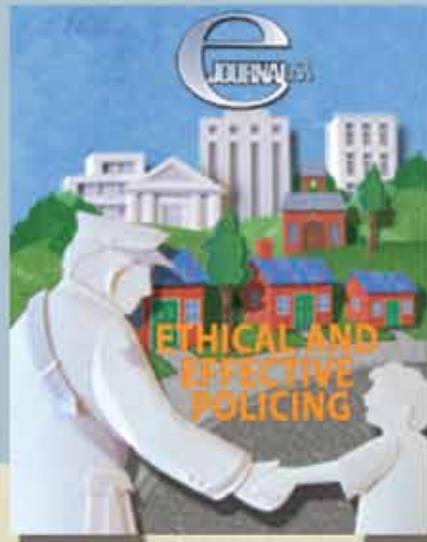
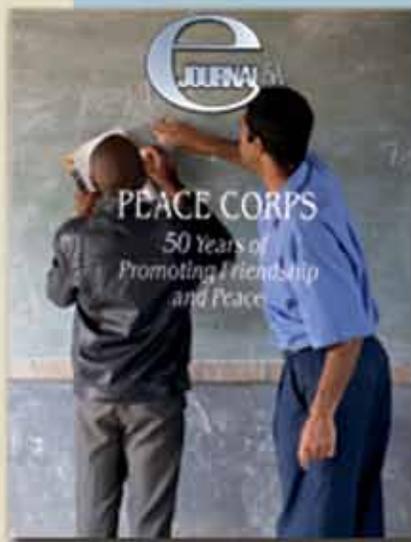
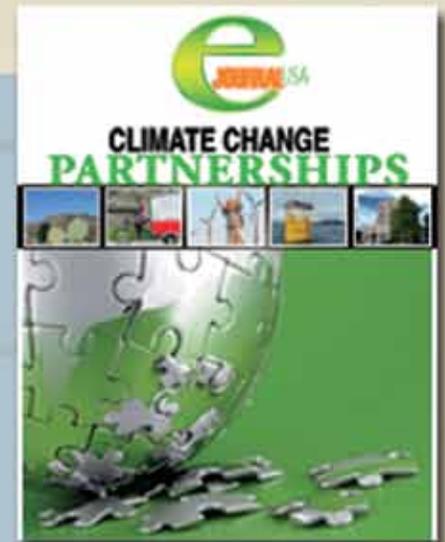
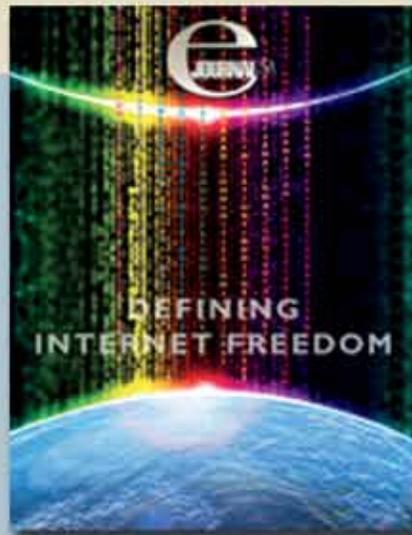
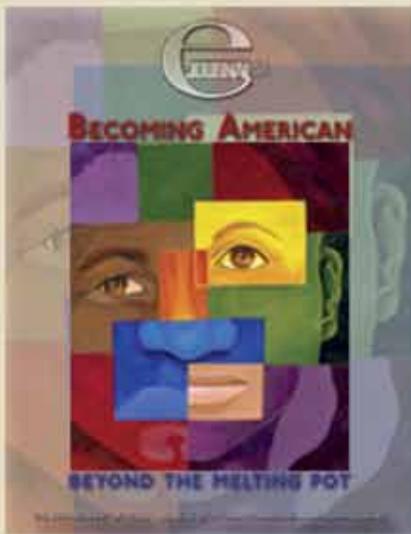
Regiões de Ação Climática (R20), grupo governamental internacional que trabalha com projetos de baixo carbono e de resistência climática por meio da cooperação entre governos locais e outras partes interessadas.
<http://www.regions20.org/>

Conselho Mundial de Prefeitos sobre Mudanças Climáticas, aliança de mais de 50 líderes de governos municipais que defendem sua participação nos esforços voltados para enfrentar as mudanças climáticas e questões relacionadas.
<http://www.worldmayorscouncil.org/>



JUNTE-SE A NÓS NO
facebook

facebook.com/eJournalUSA



Монгол English 中文 Français Português 한국어 Українська 日本語
Türkçe Tiếng Việt Pashto Urdu ىسراف ىبرع Русский Español

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA • BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS